

Tradução e estudo de “A Esfinge cadmeia”, de Paléfato¹

Caroline Caetano de Freitas – PPGLC/UFRJ

Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar uma proposta de tradução da história “A Esfinge Cadmeia” do ensaio mitográfico *Histórias Inacreditáveis*, de Paléfato, e um estudo sobre a racionalização que o autor faz do ser híbrido Esfinge na história homônima, mostrando como Paléfato lida com a impossibilidade do ser híbrido Esfinge e dos elementos presentes em sua história.

Palavras-chave: Mitografia grega antiga; Tradução; Paléfato; Racionalização; Ser híbrido; Esfinge cadmeia

Abstract

The article aims to present a translation proposal of the story "The Cadmean Sphinx" from the mythographic essay *Unbelievable Stories*, by Paléfato, and a study on the rationalization that the author makes of the hybrid being Sphinx in the homonymous story, showing how Paléfato deals with the impossibility of the hybrid being Sphinx and the elements present in his story.

Keywords: Ancient Greek mythography; Translation; Paléphoto; Rationalization; Hybrid being; Cadmeia Sphinx

¹ O texto aqui apresentado é uma versão adaptada de um sub capítulo da dissertação “Os seres híbridos em *Histórias inacreditáveis*, de Paléfato”, defendido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2020.

Introdução

Paléfato, em seu ensaio mitográfico *Histórias Inacreditáveis*, reúne mitos com o objetivo de tornar fatos míticos inacreditáveis em acreditáveis, ou ao menos plausíveis. No prefácio de seu ensaio, Paléfato apresenta duas opiniões correntes sobre a crença dos mitos e também a sua opinião sobre o tema, ou pelo menos uma atribuída a ele, da seguinte maneira:

ἀνθρώπων γὰρ οἱ μὲν εὐπειθέστεροι πείθονται πᾶσι τοῖς λεγομένοις, ὡς ἀνομίλητοι σοφίας καὶ ἐπιστήμης, οἱ δὲ πυκνότεροι τὴν φύσιν καὶ πολυπράγματοι ἀπιστοῦσι τὸ παράπαν μηδὲ γενέσθαι τι τούτων. ἐμοὶ δὲ δοκεῖ γενέσθαι πάντα τὰ λεγόμενα (οὐ γὰρ ὀνόματα μόνον ἐγένοντο. λόγος δὲ περὶ αὐτῶν οὐδεὶς ὑπῆρξεν, ἀλλὰ πρότερον ἐγένετο τὸ ἔργον, εἴθ' οὕτως ὁ λόγος ὁ περὶ αὐτῶν).

Pois, entre os homens, os mais crédulos acreditam em tudo o que [hes] é dito porque desconhecem a “sabedoria” e a “ciência”; enquanto os que, por natureza, são mais racionais e mais inquisitivos duvidam por completo que essas histórias poderiam ter acontecido. Mas eu acredito que todas as histórias aconteceram. (Pois nomes não existiram meramente. Logo, nenhuma história sobre eles sucedeu sem que primeiro tenha ocorrido o fato, e em seguida, a história sobre eles).

Com esse pensamento, Paléfato se apresenta em um meio termo diante as opiniões apresentadas, pois ele acredita na existência de todas as histórias, mas não sem questionar e inquerir sobre elas. Para o autor, existe uma sucessão de atos, em que há o acontecimento inaugural (τὸ ἔργον), seguido pela criação de uma história em torno desse acontecimento (τὸ λόγος) e por fim a fama, lenda, a disseminação dessa história (ὀνόματα), que a torna conhecida, a torna mito. Por trás de toda história tem uma verdade e essa verdade é fundamentada por um acontecimento ocorrido em um passado distante, não-rastreável, que, por alguma razão, tornou-se notável e memorável.

Paléfato tenta, assim, encontrar essa verdade e esse acontecimento inaugural, desconstruindo aquilo que é inacreditável reconstruindo-o para que se torne acreditável, através da racionalização dos elementos míticos por ele considerado como tais. HAWES (2014, p. 13) explica a racionalização, da seguinte maneira:

Racionalização não é tanto uma teoria para explicar mitos, mas mais um método de explicar eliminando as discrepâncias dentro dos mitos; dessa forma, frequentemente produz soluções “miopes” satisfatórias apenas dentro do contexto imediato.²

Em seu ensaio mitográfico, Paléfato ocupa-se com variados mitos que tem em comum elementos por ele considerados inacreditáveis. Entre

² “Rationalization is not as much a theory for explaining myth as a method of explaining away discrepancies within myths; in this way, it often produces short-sighted solutions satisfactory only within the immediate context.”

estes mitos, encontra-se histórias dedicadas a seres fantasiosos e entre essas, histórias de seres híbridos. Ocupar-nos-emos em uma história em particular, a da Esfinge, que agora apresentamos com uma proposta de tradução acompanhada do texto original, e um estudo sobre a forma com que Paléfato lida com os elementos míticos do ser híbrido Esfinge e dos elementos míticos constituintes de sua história homônima.

Texto grego

ΠΕΡΙ ΤΗΣ ΚΑΔΜΕΙΑΣ ΣΦΙΓΓΟΣ

Περὶ τῆς Καδμείας Σφιγγὸς λέγεται ὡς θηρίον ἐγένετο σῶμα μὲν κυνὸς ἔχον, τὴν δὲ κεφαλὴν καὶ τὸ πρόσωπον κόρης, πτέρυγας δὲ ὄρνιθος, φωνὴν δὲ ἀνθρώπου. καθίζουσα δὲ ἐπὶ Φικίου ὄρους αἰνίγμα τι ἐκάστω τῶν πολιτῶν ἤδεν· ὃν δ' ἂν εὗρε διαλύσασθαι μὴ δυνάμενον, τοῦτον ἀνήρει. διαλυσαμένου δὲ τὸ αἰνίγμα Οἰδίποδος, ρίψασα ἑαυτὴν ἀνείλεν. ἔστι δὲ ἄπιστος καὶ ἀδύνατος ὁ λόγος. οὔτε γὰρ ιδέα τοιαύτη δύναται γενέσθαι, τὸ τε τοὺς μὴ δυναμένους διαλύεσθαι [τὰ] αἰνίγματα κατεσθίεσθαι ὑπ' αὐτῆς, παιδαριῶδες, τὸ τε τοὺς Καδμείους μὴ κατατοξεῦσαι τὸ θηρίον, ἀλλὰ περιορᾶν τοὺς πολίτας ὡς πολεμίους κατεσθιομένους, μάταιον. ἔχει οὖν ἡ ἀλήθεια ὧδε. Κάδμος ἔχων γυναῖκα Ἀμαζονίδα, ἣ ὄνομα Σφιγξ, ἤλθεν εἰς Θήβας, καὶ ἀποκτείνας Δράκοντα τὴν τε οὐσίαν καὶ βασιλείαν παρέλαβε, μετὰ δὲ καὶ τὴν ἀδελφὴν Δράκοντος, ἣ ὄνομα Ἀρμονία. αἰσθομένη δὲ ἡ Σφιγξ ὅτι ἄλλην ἐπέγημε, πείσασα πολλοὺς τῶν πολιτῶν συναπαρᾶραι αὐτῇ, καὶ τῶν χρημάτων τὰ πλεῖστα ἀρπάσασα, καὶ τὸν ποδώκη κύνα, ὃν ἤκεν ὁ Κάδμος ἄγων, λαβοῦσα, μετὰ τούτων ἀπήρεν εἰς τὸ καλούμενον ὄρος Φίκιον, καὶ ἐντεῦθεν ἐπολέμει τῷ Κάδμῳ· ἐνέδρας δὲ ποιουμένη κατὰ τὴν ὥραν ἀνήρει οὗς διαρπάζουσα ὄχετο. καλοῦσι δὲ οἱ Καδμῆοι τὴν ἐνέδραν αἰνίγμα. ἐθρύλλουν οὖν οἱ πολῖται λέγοντες “Σφιγξ ἡμᾶς ἡ ἀγρία αἰνίγματι ὑφισταμένη διαρπάζει, καὶ καθίζει ἐπὶ τοῦ ὄρους. ἐξευρεῖν δὲ τὸ αἰνίγμα οὐδεὶς δύναται, ἔκ τε τοῦ προφανοῦς μάχεσθαι ἀδύνατον· οὐ γὰρ τρέχει, ἀλλὰ πέτεται καὶ κύων καὶ γυνή[, οὕτω ποδώκης ἐστὶ].” κηρύττει δὲ ὁ Κάδμος τῷ ἀποκτενοῦντι τὴν Σφιγγα κρήματα δώσειν πολλά. ἐλθὼν οὖν ὁ Οἰδίπους, ἀνὴρ Κορίνθιος τὰ τε πολεμικὰ ἀγαθός, ἵππον ἔχων ποδώκη, καὶ λόχους τῶν Καδμείων ποιήσας καὶ διὰ νυκτὸς ἐξίων καὶ ἐνεδρεύσας αὐτήν, εὗρε τὸ αἰνίγμα [τουτέστι τὴν ἐνέδραν] καὶ ἀπέκτεινεν τὴν Σφιγγα. τούτων γενομένων τὰ λοιπὰ ἐμυθεύθη.

Tradução³

A ESFINGE CADMEIA

³ Tudo que se encontra em colchetes [] é adição própria feita para tornar a tradução mais fluente; e as palavras que estão em grego e encontram-se em parênteses () são adições feitas para auxiliar a compreensão do argumento do autor.

A respeito da Esfinge cadmeia conta-se que existia uma besta-fera que tinha o corpo de cão, a parte superior e a face de uma jovem, asas de ave, e voz humana. Sentada sobre o Monte Fício⁴ cantava um enigma para cada um dos cidadãos. Aquele que não conseguisse descobrir como resolvê-lo, este [ela] arrebatava. Mas quando Édipo resolveu o enigma, [a Esfinge] lançou-se [do monte] destruindo-se [lançou a si mesma para destruir-se].

Esta história é impossível e inacreditável. Pois não é possível existir tal forma; é pueril [acreditar] que aqueles que não conseguiram resolver os enigmas foram devorados por ela; e também é tolice [acreditar] que os cadmeus não tenham matado a criatura à flechadas, mas que permitiram que os concidadãos fossem devorados como inimigos.

A verdade é dessa maneira: Cadmo, tendo como esposa uma Amazona, cujo nome era Esfinge, foi para Tebas. E [lá], depois de ter matado Draco⁵, apoderou-se de sua riqueza e de seu reino, e em seguida da irmã de Draco, cujo nome era Harmonia. Mas Esfinge percebendo que [Cadmo] desposou outra, persuadiu muitos dos cidadãos a partir com ela e apoderou-se da maior parte dos bens [de Cadmo]; vingou-se também levando o ágil cão que pertencia a Cadmo. Em seguida, [Esfinge] levou tudo e a todos embora para o Monte chamado Fício e dali importunava Cadmo. Fazendo uma emboscada durante o ano, [a Esfinge] os arrebatava, despedaçava-os fazendo-os desaparecer.

Os cadmeus chamam “emboscada” (ἐνέδρα) de “enigma” (αἴνιγμα). Portanto, os cidadãos repetiam sem parar: “A Esfinge, selvagem, senta sobre o Monte [Fício] e propondo um enigma nos faz desaparecer. Mas [como] ninguém conseguiu descobrir o enigma, é evidentemente impossível enfrentá-la. Pois não corre, mas voa; e [é] cão e mulher, (porquanto é veloz)”.

Cadmo, portanto, anunciou que aquele que matasse a Esfinge ganharia muitos bens. Então, quando Édipo, um varão de Corinto, habilidoso nas artes militares, chegou com seu ágil cavalo, reuniu um grupo de cadmeus, saiu durante a noite e armou uma emboscada para ela; descobriu o enigma, isto é, a emboscada, e matou a Esfinge.

⁴ Fício é um monte na Beócia perto de Tebas. “Φίκιον and Φίκειον, ου, τό, ὄρος, Mt. Phicius, a mountain of Boeotia near Thebes, a resort of the Sphinx, Hes. Sc. 33; Apollod. 3, 5, 8.”, em LIDDELL-SCOTT (1848, p. 1605).

⁵ Em “Espartanos” (ΠΕΡΙ ΣΠΑΡΤΩΝ), Paléfato apresenta a versão do mito contando como os espartanos nasceram de dentes de elefantes. Na racionalização, enquanto Paléfato narra o que ele diz ser o que realmente aconteceu, ele conta as condições em que Cadmo matou Draco e tornou-se rei de Tebas. Cf. Palaeph. III, 8-13:

“[...] Κάδμος ἀνὴρ τὸ γένος Φοῖνιξ ἀφίκετο εἰς Θήβας, πρὸς τὸν ἀδελφὸν Φοῖνικα ἀμιλλησόμενος περὶ τῆς βασιλείας. ἦν δὲ βασιλεὺς τότε Θεβῶν Δράκων Ἄρειος παῖς, ἔχων ἄλλα τε πολλὰ ὅσα βασιλεὺς, καὶ δὴ καὶ ὀδόντας ἐλεφάντων. τοῦτον ὁ Κάδμος ἀποκτείνας αὐτὸς ἐβασίλευσεν.”

“[...] Cadmo, um varão fenício, chegou em Tebas para disputar contra seu irmão Fênix pelo reino. Mas, naquele tempo, Draco, filho de Ares, era o rei de Tebas. O rei possuía extraordinárias riquezas, inclusive dentes de elefantes. Cadmo, depois de ele mesmo o ter matado, tornou-se rei [de Tebas]”.

O resto desses acontecimentos tornou-se mito.

Estudo

Em “Esfinge cadmeia”, Paléfato desconstrói a Esfinge, ser híbrido, em três partes distintas. O todo do ser híbrido, que é parte mulher, parte cão e parte ave, é reconstruído como (1) uma mulher Amazona chamada Esfinge, (2) que habitava uma montanha junto ao cão roubado de seu marido e (3) que fazia desaparecer àqueles que tentavam tirá-la da montanha.

Paléfato racionaliza não só as características híbridas da Esfinge (mulher, cão e ave), mas também seu “caractere” que está relacionado ao episódio do enigma em Tebas.

Referente às características híbridas, Paléfato reconstrói em uma única imagem a mulher e o cão: uma mulher que habita uma montanha com seu cão. E a parte da ave é reconstruída em um momento, na ação realizada pela mulher Amazona chamada Esfinge: ela é tão veloz que “os arrebatava, despedaçava-os fazendo-os desaparecer”. Paléfato, assim, transfere a mulher e o cão para seres individuais, e a parte da ave, nos atos de raptar e fazer desaparecer as pessoas, ações tão rápidas que ninguém consegue entender como empreendeu tal feito.

STERN (1996, p. 36) nota que o cão, como uma das partes híbridas da Esfinge, é uma novidade presente somente em Paléfato, pois ela é comumente descrita como tendo o corpo de leão (tal como as esfinges egípcias). E a necessidade de ser um cão e não um leão uma das partes constitutivas da Esfinge ressoa na racionalização de Paléfato. Afinal, como poderia a Amazona de nome Esfinge roubar um leão de Cadmo? Como poderia Cadmo ter um leão de estimação? É mais coerente e, mais que isso, plausível e tangível que Cadmo tivesse um cão.

Paléfato, ao introduzir a história, apresenta o episódio do enigma da Esfinge em Tebas e como Édipo o solucionou, e a Esfinge acabou suicidando-se por isso. O curioso é que ele racionaliza o famoso enigma da Esfinge, pois para ele esse episódio também é inacreditável. Apolodoro em sua *Biblioteca* apresenta o enigma e a solução dele dado por Édipo, nas seguintes linhas:

Μαθοῦσα δὲ αἴνιγμα παρὰ μουσῶν ἐπὶ τὸ Φίκιον ὄρος ἐκαθέζετο,
καὶ τοῦτο προὔτεινε Θηβαίοις. ἦν δὲ τὸ αἴνιγμα τι ἔστιν ὃ μίαν ἔχον
φωνὴν τετράπους καὶ δίπους καὶ τρίπους γίνεται;

(Apollodorus. *Biblioteca*. III.V.8)

Ela havia aprendido com as Musas um enigma, e assentada sobre o monte Fício, propunha-o aos tebanos. O enigma era este: o que é que dotado de voz e vem a ter quatro patas, duas patas e três patas?

(Tradução de Luiz Alberto Machado Cabral, 2013, p. 101)

Cantar o enigma e destruir aqueles que não o decifrassem é o “caractere” mais famoso pelo qual a Esfinge é conhecida. E Paléfato também racionalizou esse “caractere”. Ele diz que a palavra αἴνιγμα, para os cadmeus, tem um significado outro que não “enigma”, para eles

significa “emboscada”. Em Tebas, segundo Paléfato, se um quisesse dizer “emboscada” ele utilizaria a palavra αἶνιγμα e não ἐνέδρα. Assim, ele justifica a confusão vocabular por conta do dialeto, que em Tebas seria o eólio. E mesmo que alguém quisesse dizer contrário da afirmação de Paléfato, ele poderia simplesmente argumentar que, em algum momento, esse fato, o dos cadmeus dizerem αἶνιγμα e não ἐνέδρα para referirem-se a uma “emboscada”, foi uma realidade a qual se modificou com o tempo, pois passaram a dizer tal como os outros dialetos, chamando de ἐνέδρα uma emboscada. Paléfato resolve o problema do enigma de uma forma simples e plausível.

O αἶνιγμα, isto é, a emboscada que a Esfinge fazia está relacionado ao epíteto θηρίον. Esse epíteto é transferido para a Esfinge, mulher Amazona, na totalidade do seu ser. O caráter selvagem/bárbaro está associado diretamente a raça das Amazonas e seu jeito de agir. A tradição⁶ diz que elas são uma raça guerreira composta de mulheres apenas, e que os homens são necessários apenas para a reprodução. Não há nada que um homem faça que uma Amazona não possa fazer igualmente, em competência e força.

Ao racionalizar a Esfinge, ser híbrido, Paléfato não apenas a transformou em uma mulher qualquer, mas em uma Amazona. Contudo, ao fazer da Esfinge esposa de Cadmeu, Paléfato ignora a natureza própria das Amazonas, que, segundo DUBOIS (1996, p. 34), “como os Centauros, eram vistas como hostis para ou sem a necessidade de instituições civilizadas como casamentos”⁷, assim para adequar a tradição a seu argumento Paléfato deixa que Cadmo despose uma Amazona, mas este terá que enfrentar as consequências de desposa-la.

Ser uma Amazona dá à figura da Esfinge todo o poder e a fama por trás do mito delas. Tanto que, na história “Esfinge cadmeia”, Paléfato aceita a existência de uma raça de mulheres guerreiras para poder construir sua racionalização. Entretanto, na história “Amazonas”, ele as racionaliza como homens com costumes similares ao das mulheres das Trácia⁸. Isso grifa a potência da racionalização praticada por Paléfato, o qual decide aceitar ou não certos fatos, para poder fundamentar seus

⁶ Refiro-me simplesmente as informações mais difundidas sobre as Amazonas, e nenhuma variante registrada em particular.

⁷ “[...] the Amazons were seen as hostile to or without need for such civilizes institutions as marriage”.

⁸ Em “Amazonas” (ΠΕΡΙ ΑΜΑΖΩΝΩΝ), Paléfato racionaliza as Amazonas como homens, contando assim:

“Τάδε λέγω καὶ περὶ Ἀμαζόνων, ὅτι οὐ γυναῖκες ἦσαν αἱ στρατεύσασαι, ἀλλ' ἄνδρες βάρβαροι, ἐφόρου δὲ χιτῶνας ποδήρεις ὥσπερ αἱ Θρᾷσσαι καὶ τὴν κόμην ἀνεδοῦντο μίτραις, τοὺς δὲ πῶγωνας ἐξυρῶντο ὡς καὶ νῦν οἱ ἴπατριᾶται παραξίθοι, καὶ διὰ τοῦτο ἐκαλοῦντο πρὸς τῶν πολεμίων γυναῖκες. Ἀμαζόνες δὲ τὸ γένος μάχεσθαι ἀγαθοὶ ἦσαν· στρατείαν δὲ γυναικὸς οὐδέποτε εἰκὸς γενέσθαι, οὐδὲ γὰρ νῦν οὐδαμοῦ.”
(Palaeph. XXXII)

“Assim, conto a respeito das Amazonas: que não existiu um exército formado por mulheres, mas [por] homens bárbaros que vestiam túnicas que desciam até os pés, amarravam os cabelos com faixas da mesma forma que as mulheres trácias e barbeavam-se, como ainda hoje [fazem] os homens de Patara perto de Xanto, e por causa disso são chamados de mulheres pelos inimigos. O povo, Amazonas, eram admiráveis em combate. Mas uma expedição militar de mulheres, provavelmente, nunca existiu, pois não [existe] em lugar nenhum hoje.”

argumentos. E, mais que isso, em sua construção argumentativa, cada história é ambientada e se encerra em si mesma, não dependendo de outras histórias ou de informações para ser compreendida.

As Amazonas são notoriamente conhecidas por serem uma raça guerreira. Assim, racionalizando a Esfinge como uma delas, Paléfato lhe atribui todo um conhecimento belicoso pertencente as Amazonas. BENNETT (1967, p. 18) *apud* DUBOIS (1996, p. 34) diz que elas “cultuavam Ares tanto quanto Ártemis, eram boas cavaleiras⁹ e em amar batalhas”¹⁰. DUBOIS (1996, p. 70) diz que “elas são do sexo feminino, no entanto possuem atributos masculinos como o gosto pela guerra e agressividade.”¹¹

Por possuir esse conhecimento, ela conseguiu fazer a emboscada, αἰνιγμα entre os cadmeus, segundo Paléfato, e ἐνέδρα para os outros helenos. Que Édipo foi o único a conseguir decifrar o enigma da Esfinge, é um dado comum para aqueles que conhecem o mito de Édipo, e Paléfato traz a figura de Édipo para sua racionalização, para ele uma vez mais decifrar o “enigma”.

Na tragédia sofocliana *Édipo Rei*, no primeiro episódio, Édipo ao se defender de Tíresias e Creonte afirma que foi com sua inteligência (v.398 “γνώμη”) que ele decifrou o enigma (αἰνιγμα), salvando, assim, os tebanos da “Cadeira Cantora” (v.391 “ἡ ῥαψωδὸς κύων”). A alusão ao *agón* travado por Édipo e a Esfinge em *Édipo Rei* é relativo à linguagem, mostrando que somente através da inteligência, do conhecimento que se poderia decifrar o enigma, e somente Édipo possuía inteligência o suficiente para tal feito.

Em Paléfato, o enigma (αἰνιγμα) não é um enigma e sim uma emboscada. Portanto, o *agón* a ser travado por Édipo e a Esfinge em “A Esfinge cadmeia” é de cunho militar. Pois a Esfinge se posicionou em um lugar estratégico, o monte Fício, e dali importunava e matava todos aqueles que se aproximavam para tentar detê-la.

Pela importunação causada pela Esfinge, Cadmeu decide recompensar aquele que conseguisse matá-la. Cadmeu se propõe a tal, porque já era de conhecimento comum, entres os cadmeus, a impossibilidade de fuga às emboscadas da Esfinge, e muito menos era possível captura-la, tanto que, segundo Paléfato, utilizando-se de um recurso de “contam que”, já se espalhava a fama da Esfinge, em que contavam: “A Esfinge, selvagem, senta sobre o Monte [Fício] e propondo um enigma nos faz desaparecer. Mas [como] ninguém conseguiu descobrir o enigma, é evidentemente impossível enfrentá-la. Pois não corre, mas voa; e [é] cão e mulher, (porquanto é veloz)”. Não seria uma tarefa fácil matá-la, apenas alguém de capacidade similar poderia derrotá-la.

Para conseguir decifrar o enigma/emboscada, Édipo aparece na racionalização de Paléfato como um varão hábil nas artes militares, e deixa para trás o conhecido Édipo que derrotou a Esfinge com sua inteligência. Porque somente um varão hábil nas artes militares poderia derrotar uma mulher hábil em assuntos belicosos. Assim, conhecendo as

⁹ Elas eram boas em montar cavalos de sela.

¹⁰ “[...] to worship Ares as well as Artemis, to be accomplished equestrians, and to love battle.”

¹¹ “They are female, yet have male attributes of warlikeness and aggression.”

táticas militares, Édipo arma uma emboscada para a Esfinge, conhecida entre os cadmeus por sua emboscada, e a mata. Mais uma vez, a Esfinge é morta pelas habilidades de Édipo, seja pela sua inteligência como em *Édipo Rei*, ou por sua habilidade nas artes militares, como na história de Paléfato.

Assim, acreditando ter encontrado o acontecimento inaugural da Esfinge cadmeia como uma mulher Amazona, que fazia uma “emboscada/enigma” sempre que alguém tentava tirá-la da montanha, onde agora habitava junto ao cão roubado de seu marido por vingança, uma vez que ele desposou outra mulher, e de lá sempre o importunava e fazia desaparecer aqueles que tentavam tirá-la da montanha, Paléfato racionaliza o ser híbrido Esfinge e seu mito (ou uma variante do mito).

Referências bibliográficas

APOLODORO. *Biblioteca*. In: CABRAL, Luiz Alberto Machado. **A Biblioteca de Apolodoro e o Estatuto da Mitografia**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, São Paulo, [s.n], 2013, p. 101.

DUBOIS, Page. *Centaur and Amazons: Women and the Pre-History of the Great Chain of Being*. Michigan, The University of Michigan Press, 1996, p. 34; 70.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon, based on The German Work of Francis Passow*. With corrections and additions, and the insertion in alphabetical order of the proper names occurring in the principal greek authors, by DRISLER, Henry. New York, Harper & Brothers Publishers, 1848, p. 1605.

PALAEPHATI. ΠΕΡΙ ΑΠΙΣΤΩΝ. In: FESTA, Nicolaus (edidit). *Mythographi Graeci*, vol.3, fasc. 2. Munich/Leipzig, Teubner, 1902.

PALAEPHATUS. *On Unbelievable Tales*. Translation, introduction and commentary by Jacob STERN. Wauconda, IL, Bolchazy-Carducci, 1996, p. 36. [Greek text with apparatus criticus reprinted by permission from the 1902 B. G. Teubner text].

SÓFOCLES. *Édipo Rei; Antígona*. Tradução de Ordep SERRA e Sueli Maria de REGINO. São Paulo, Martin Claret, 2015.

Abstract

This article aims to present a translation proposal of the story “The Sphinx of Cadmeia” of the mythographic essay *Unbelievable Tales* of Palaephatus, and a study of the rationalization made by the author of the hybrid creature Sphinx in the story of same name, exposing how Palaephatus deals with the impossibility of the hybrid creature Sphinx and the elements presents in her story.

Keywords: Ancient greek mythography; Translation; Palaephatus; Rationalization; Hybrid creature; Sphinx of Cadmeia